

A Marca Musical no Corpo:

Considerações Musicológicas-Psicanalíticas sobre a Tatuagem¹

Leonardo Luiz²

Universidade Estadual Paulista | Brasil

Resumo: Abordei nesse artigo cruzamento entre os caminhos que constituem o prazer subjetivo pela música, suas manifestações e expressões afetivas por intermédio da escuta e sua interlocução pelo também prazer de marcar-se por meio de tatuagens. Especificamente as que trazem explícita menção ao meio musical. Considerei como a música chegou ao corpo por meio de tais marcas artísticas; relacionando a estética do gosto, o processo de identificação e a imagem corporal marcada pela tatuagem, seus aspectos musicais e afetivos e com isso foi possível discutir a música como um elemento de mediação psíquica capaz de transformar e modificar a maneira de falar, ouvir e entender aspectos psíquicos. Desse modo, o diálogo entre a prática psicanalítica e a literatura musicológica, como possibilidade de representação de aspectos afetivos, pode ser discutido.

Palavras-Chave: tatuagem, musicologia, psicanálise, afetação musical.

¹ *Musical mark on the body: a musicological-psychoanalytic study*. Submetido em 30/01/2018. Aprovado em: 10/04/2018. Esse artigo é fruto do trabalho de pesquisa para o pós-doutorado em música, realizado no IA (Instituto de Artes) da UNESP sob supervisão da dra. Margarete Arroyo no biênio 2016-2017.

² Leonardo Luiz é músico contrabaixista, Psicólogo, Psicanalista, docente universitário desde 2001, Pós-doutor em música pelo Instituto de Artes da UNESP. Consultor de Recursos Humanos. Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Autor dos livros: "Música no divã: sonoridades psicanalíticas", 2013 (Ed. Casa do psicólogo) "Música no divã", 2011 e "Vítrola Psicanalítica, 2005, publicados pela ed. Via Lettera; coautor do livro "Falando de Amor, 2006, ed. Ágora. Coautor do livro Paixões tristes, 2013. "Loucos por música" (2018 - No prelo, Ed. Patuá) Escreve e ministra palestras sobre o tema música e psicanálise. Docente convidado do CEP (Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo). Ex-coordenador do curso de psicologia na Universidade Paulista, professor do MBA (Escola Paulista de Negócios) e pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: leopsi@hotmail.com

Abstract: This research encompasses the intersection between the journeys of the subjective musical pleasure, its manifestations and affective expressions through both listening and playing as well as the pleasure of marking oneself with tattoos, specifically those explicitly music-related. I took into consideration how music arrived at the body through such artistic marks, linking one's personal aesthetic, the identification process and body image inked by tattoos, its music and affective aspects. With that in mind, it was possible to discuss music as an element of psychic mediation capable of transforming and changing the way we speak, listen and understand such psychic aspects. Therefore the dialogue between psychoanalytic practices and musical literature as a representation of affective aspects could be discussed.

Keywords: Tattoos, musicology, psychoanalysis, musical affectation.

* * *

"Quero ser a cicatriz

Risonha e corrosiva

Marcada a frio

Ferro e fogo

Em carne viva..."

(Tatuagem –Chico Buarque)

"Poucos fãs [dele] são tão dedicados quanto eu, e minha tatuagem prova isso!"

(Sarah Burgoyne, uma fã inglesa de Justin Bieber passou três horas em um

estúdio de tatuagem eternizando os versos de um *hit* do cantor *teen*

em sua perna com o objetivo de ganhar um concurso)

Desde muito cedo, como uma espécie de trilha sonora em eventos de todas as ordens, a música está presente na vida dos sujeitos. As culturas musicais e seu amplo leque de gêneros alcançam ouvintes de todas as faixas etárias. Não importando a esfera geográfica, crenças e classes sociais, a música ocupa um amplo espaço nas sociedades modernas. São vários os fatores que nos motivam a escutar determinada canção, assistir determinado filme, ser expectador de determinada peça teatral ou ir a determinado lugar; E, todos eles, têm uma correspondência íntima com fatores afetivos, psíquicos e emocionais.

Música é apenas um tipo de material cultural; volumes também poderiam ser escritos sobre o papel de muitos outros materiais estéticos –visuais e até mesmo olfatórios –em relação ao livre-arbítrio. E os "poderes" da música variam; em alguns contextos e para algumas pessoas música é um meio neutro. Em outros momentos os poderes da música podem ser profundos. (DENORA, 2015: 151)

Estamos imersos numa "cultura musical", expostos a diferentes estilos/gêneros, intérpretes, etc. Há uma explosão de novos cantores, grupos, bandas, conjuntos que são lançados pelo mercado fonográfico como novidades a serem escutadas. (somando-se a todos os já estabelecidos). Não há dúvida de que para muitos a música é entendida apenas como uma forma de lazer, de diversão, entretenimento. Evidentemente, não seria essa a única razão que explica o porquê das afeições musicais de cada sujeito. Há que se relevar, por exemplo, a ação da indústria cultural. Há uma demarcação cultural muito intensa nessa esfera. Trata-se de escolha ou imposição mercadológica?

Difícil o filme, o documentário, que se apresente sem trilha musical; o comercial na tevê, no rádio, até mesmo a Internet têm seus respectivos *jingles*; na sala de espera, nas filas em algumas repartições, nos trens metropolitanos, a espera ao telefone aguardando a informação do saldo, das contas... Está tão presente que quando percebemos e nos damos conta, estamos cantando o *jingle* da propaganda de

margarina, do carro da moda, ou ainda o refrão "insuportável" daquele sucesso do momento. Mas a escuta repetida cria esse invariável incômodo contraditório.

Essa diversidade e massificação de divulgação e conseqüentemente presença acentuada, atualmente, possui reflexos – desde as primeiras décadas do século XX – da incorporação da música-ambiente iniciada e sistematizada por Muzak. Desde então a música foi acrescentada a quase tudo. (LUIZ, 2005). Acrescentada inclusive ao corpo. Cabe então uma reflexão sobre como a tatuagem se instaurou em nossa sociedade. Não creio que seja possível realizar um estudo concreto que explique a razão e motivação encontrada em sujeitos tatuados; no entanto, uma digressão sobre sua inserção (da tatuagem) na sociedade, pode colaborar com a redação deste artigo.

Há mais de 3500 anos, a tatuagem já existia como forma de expressão da personalidade ou de indivíduos de uma mesma comunidade tribal. Os primitivos se tatuavam para marcar os fatos da vida biológica: nascimento, puberdade, reprodução e morte. Depois, para relatar os fatos da vida social: tornar-se guerreiro, sacerdote ou rei; casar-se, celebrar a vida, identificar os prisioneiros, pedir proteção ao imponderável, garantir a vida do espírito durante e depois do corpo.

A arte pré-histórica apresenta vestígios da existência de povos que cobriam o corpo com desenhos. Desenhos de formas humanas com pinturas em seus corpos já foram encontrados em antigas cavernas. Certamente, trata-se uma indicação da possibilidade do uso da tatuagem em membros desses povos. Há hipóteses de que as tatuagens se originaram com marcas de cicatrizes adquiridas em guerras, lutas corporais e caças. Tais marcas eram motivo de orgulho e reconhecimento para o homem que as possuísse, pois representavam força e vitória. Com a ideia de que essas marcas eram sinônimo de vitalidade, o homem passou a marcar-se espontaneamente e passado algum tempo, as cicatrizes aleatórias deram lugar à criação de desenhos com o uso de tintas vegetais e espinhos para introduzi-las à pele.

Na contemporaneidade ela se apresenta com significativa relevância ao ser utilizada por artistas de música, cinema e, inclusive, em pessoas comuns. Deixando de ser um símbolo de marginalidade, mas sim uma forma de expressão individual de arte e estética do corpo. Não mais tão rústicas como outrora (com traços grosseiros e monocromáticos), hoje os desenhos se compõem com traços mais finos, delicados e com cores variadas, o que para muitos se aproxima do que poderia ser chamado de obra de arte.

Em termos de criação, a tatuagem pode ser considerada independente, pois ela foi inventada várias vezes, em diferentes momentos e partes do mundo, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados.

Na Idade Média, por exemplo, a tatuagem foi banida da Europa, com o argumento de que era "coisa do demônio". Qualquer cicatriz, má formação ou desenho na pele não era visto com bons olhos. Pessoas com tais características eram perseguidas, aprisionadas e mortas em fogueiras pela inquisição a mando dos senhores feudais que queria exterminar possíveis "redentores do povo".

No Japão feudal as tatuagens eram usadas como forma de punição, tornando-se sinônimo de criminalidade. Para o povo japonês, muito preocupado com sua posição na sociedade, ser tatuado era pior do que a morte. Mais tarde, na Era Tokugawa, época de intensa repressão, ser criminoso se tornou sinônimo de resistência, popularizando a tatuagem. Foi nessa época que surgiu a yakuza, a máfia japonesa—cujos membros têm os corpos todos pintados em sinal de lealdade e sacrifício à organização e simbolizando a sua oposição ao regime. (SCHIFFMACHER, 2011)

Os chineses acreditavam que as tatuagens desviavam o mal de quem as possuía e marcavam a pele com labirintos sinuosos para confundir os olhos do inimigo. Na América, tanto as tribos indígenas dos Estados Unidos, quanto as civilizações maias e astecas, eram praticantes da tatuagem. Para os índios Sioux, tatuar o corpo servia como uma expressão religiosa e mágica. Eles acreditavam que após a morte, uma divindade aguardava a chegada da alma e exigia ver as tatuagens do índio para lhe dar passagem ao paraíso. Um pouco mais próximo da linha do Equador, os maias cultuavam os deuses de pedra. Mais ainda, estes povos tinham o costume de gravar as imagens dos seus deuses na própria pele. Apesar dos europeus terem desenvolvido a tatuagem com os celtas e os povos bárbaros, os conquistadores nunca tinham visto uma tatuagem antes, o que ajudou a qualificarem os maias de "adoradores do diabo" e os massacrarem pelo seu ouro.

Já utilizada como sinal de realeza; como símbolo de devoção religiosa; para marcar a transição da adolescência para a fase adulta, como distintivo de um clã ou tribo, como meio de identificação pessoal ou uma forma de demonstrar valor ou virilidade; como estímulo de atração sexual; como talismã para afastar os maus espíritos, como parte necessária de ritos funerários, para diferenciar a mulher casada da mulher solteira; como demonstração de amor, como forma de marcar e identificar escravos ou marginais. Também usadas como fator curativo ou preventivo. (REISFELD, 2005: 22)

A tatuagem foi introduzida no Ocidente no século XVIII, com as explorações que colocaram os europeus em contato com as culturas do Pacífico. Nessa época não existiam tatuadores profissionais, mas alguns amadores já estariam a bordo dos navios e em grandes portos. Na segunda metade do século XIX, as tatuagens viraram moda entre a realeza europeia. (REISFELD, 2005)

No final do século XIX, a febre da tatuagem espalhou-se na Inglaterra como em nenhum outro país da Europa, graças à prática dos marinheiros ingleses em tatuarem-se constantemente. Vários segmentos da sociedade inglesa se tornaram adeptos da arte. Mas mesmo com a realeza tendo sido tatuada, a maioria das pessoas insistia em associar o ato de tatuar com uma propensão à criminalidade e marginalidade.

A palavra tatuagem origina-se do inglês *tattoo*. O pai da palavra *tattoo* foi o capitão James Cook, que escreveu em seu diário a palavra "tattow", também conhecida como *tatau*, uma onomatopeia do som feito durante a execução da tatuagem, em que se utilizavam ossos finos como agulhas, no qual batiam com uma espécie de martelinho de madeira para introduzir a tinta na pele. A partir de 1920 a tatuagem foi

ficando mais comercial, tornando-se mais popular entre americanos e europeus, surgindo uma gama de tatuadores que eram artisticamente ambiciosos. Eles acharam muitos clientes nas décadas de 1950 e 1960. Durante muito tempo, nos Estados Unidos, a tatuagem esteve associada a classes sócioeconômicas mais baixas, aos militares, aos marinheiros, às prostitutas e aos criminosos.

A tatuagem elétrica chegou ao Brasil em junho de 1959, por intermédio do dinamarquês Knud Harld Likke Gregersen, que ficou conhecido como "Lucky Tattoo". Ele dizia que suas tatuagens davam sorte. (SCHIFFMACHER, 2011: 49).

Mesmo com toda essa evolução, o fato é que, até hoje, muitas pessoas são discriminadas, como os povos antigos, por terem os seus corpos tatuados. Mas apesar de toda a propaganda contrária, ainda se pode falar de certa democratização de seu uso e, cada vez mais, um número significativo de pessoas se dispõem a marcar suas peles para gravar figuras que cativam, excitam, polemizam e embelezam os seus corpos.

Neste sentido, esta pesquisa pretende observar as manifestações especificamente da esfera musical. Minha intenção foi relacionar música, o processo de identificação, a estética do gosto e a imagem corporal marcada pela tatuagem. Assim sendo, acredito ampliar a clareza com a qual pretendo articular ideias distintas, não obstante, muito importantes para o presente artigo.

Com esse objetivo a frente, estabeleci diálogo com produção situada no campo da sociologia da música.

Uma sociologia da música que abrange a base da prática musical, rapidamente indica que é mais razoável propor que a relação da música com formas de ordem social em culturas ocidentais não é inativa, mas apenas normalmente não percebida pelos cientistas sociais. Isso não implica que não haja diferenças interculturais e históricas na posição social, função e usos da música; pois há muitas. Contudo a diferença central entre as culturas musicais chamadas de "modernas" ou "tradicionais" provavelmente não reside na apartação da música da prática social, em sua separação da "função" social, e seu posterior reestabelecimento como objeto "apenas para escutar", dos processos de combinar sujeitos e situações. Pelo contrário, as maiores diferenças entre a música em culturas modernas versus tradicionais jazem nas relações da produção musical –em como e quando a música é criada, em como formas musicais passam por mudanças, como a música é apresentada a um público e na qualidade da relação artista-consumidor (por exemplo modos de atenção, relações espaciais, quem pode ser considerado um músico, como é avaliado, e como a música é distribuída –como de muitos para muitos, de um para um, de um para muitos, de muitos para um). Aqui a questão chave é a de como a distribuição é controlada e, nas sociedades modernas, consolidada, como com as grandes gravadoras e crescentes impérios de distribuição musical. Chave, também, são as relações sociais de como a música é empregada em determinados contextos e o grau de negociação de trilhas sonoras para contextos específicos. (DENORA, 2000: 156) [tradução do autor]

A afirmação de DeNora, condensa o percurso traçado até o momento realçando que a música de alguma forma nos penetra, sua entrada em nossas significações afetivas, além da obviedade da escuta, penetra-nos pela pele.

Identificação

Laplanche e Pontalis (1992) consideram identificação como a ação de identificar (ou seja, reconhecer como idêntico). O termo identificação deve ser diferenciado de termos próximos, como incorporação, introjeção e interiorização. Incorporação e introjeção são protótipos da identificação, ou pelo menos de algumas modalidades em que o processo mental é vivido e simbolizado como uma operação corporal (ingerir, devorar, guardar dentro de si, etc.). Entre identificação e interiorização a distinção é complexa porque põe em jogo opções teóricas quanto à natureza daquilo a que o sujeito se assimila. De um ponto de vista puramente conceitual, podemos dizer que a identificação se faz com objetos – pessoa ou característica de uma pessoa, objetos parciais – enquanto a interiorização é a de uma relação intersubjetiva. "Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações." (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992: 226-230).

Uma breve passagem pelo campo da semiótica permite entender, de uma maneira mais concreta, alguns outros aspectos da identificação e do gosto musical, via a referência de cada sujeito. Vejamos:

A semiótica trata o signo verbal e não verbal. O signo é composto de recortes culturais, experiências, vivências de cada ser, ou seja, compõe-se de significado e significante. Posto que a sócio-semiótica busca situar esse signo no tempo, espaço, sociedade, cultura, economia e ambiente, temos um ponto de partida na análise do gosto ou escolha musical. O sujeito é parte da formação, vivência, ambiente, situação, informação, etc. Esse composto é o filtro para gostar ou desgostar. É por meio dessas referências adquiridas durante sua vida que ele formará seus padrões e valores. Isso, evidentemente, somado a quem ele é, constitui de sua personalidade.

A pessoa se identifica com o que reconhece. Isso se dá por meio do ambiente, das referências culturais e da soma de outros fatores intrínsecos. Cada sujeito vai preferir, musicalmente, expressões que tenham um mínimo de afinidade com seu referencial (consciente ou inconsciente).

Segundo Orlandi (1998), nos identificamos com ideias, assuntos e afirmações porque elas "batem" com algo que temos em nós. Esse "algo" é a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem, com a arte, ou com a música.

Já Serrani-Infante (1998) define identificação como a condição instauradora, a um só tempo, de um elo social e de um elo com o objeto de desejo do sujeito. Isso, tanto no plano da relação imaginária – à qual correspondem às diversidades e semelhanças entre uns e outros –, quanto no plano da relação simbólica, que não é dual, mas ternária, por conta da mediação significante. (SERRANI-INFANTE, 1998: 252)

Tal identificação pode ser com a obra, com o autor, com uma banda, com as letras das músicas. Assim, entramos na semiótica vista pelo prisma das paixões. Falar da paixão significa reduzir o hiato entre o 'conhecer' e o 'sentir'. Greimas e Fontanille (*Sémiotique des Passions*, 1991, *apud* Serrani-Infante, 1998) abordam que a paixão não é apenas o fruto do sentimento de quem se apaixona, mas também de uma manipulação do objeto que se faz apaixonar.

Assim, transportando à questão do gosto musical, chegamos aos vários tipos de manipulação/condução/sensibilização que o receptor receberá ao se deparar com uma determinada música – manipulação do compositor e de sua mensagem, da indústria fonográfica que "produz" artistas, ídolos e gêneros atrativos. Os autores, artistas e músicos, têm, invariavelmente, a intenção de dar um recado, de levar o receptor – um ou mil – a algum lugar, a alguma reflexão determinada. Ele cria a obra, dentro de suas referências e leituras, e a lança ao receptor(ores). Nesse processo, há a intenção da manipulação, seja ela encomendada por uma determinada indústria cultural ou a manipulação do próprio autor. A obra em si visa de alguma forma, manipular (influenciar, tocar, sensibilizar, como queira) o receptor – expectador. E esta manipulação vem do autor/compositor da música, se modifica no intérprete e chega ao receptor.

Contudo, essa manipulação³ vai depender do receptor e de suas referências para acontecer. Umberto Eco defende no livro *Obra Aberta* (2005) que toda obra é inacabada, até passar pelo "filtro" do receptor. Ele coloca a obra – no caso os textos, das artes visuais e extrapolando à música – como uma máquina preguiçosa que necessita a todo o momento da cooperação dos leitores/receptores. (ECO, 2005: 40-41)

A ideia de apropriação da obra/música pelo receptor confere a ele um papel de agente do processo, com capacidade de diálogo, negociação e formulação de sentido.

Lopes (1998), diz que é a presença do outro (receptor) que, em última análise, molda o que dizemos, cantamos ou tocamos etc. Segundo ele, nos percebemos (como emissores de mensagens, discursos, canções) no processo de nos tornarmos conscientes para o outro. Portanto, o que nós somos, nossas identidades sociais, são constituídas de acordo com nossas práticas discursivas com o outro. Lopes completa dizendo que essa visão de identidade, como construção social também implica o fato de que fomos criados da maneira que somos pelos outros à nossa volta e pela maneira que reagimos a essa criação, o que leva a crer que pessoas são produzidas por outras pessoas.

É possível pensar ainda na identificação do sujeito com o artista na mesma linha da semiótica das paixões; pode-se considerar, também, a identificação nas relações transferenciais (como o mito e a idolatria, por exemplo), como um agente que rege o gosto musical.

³ Estudos da recepção mostram que não se trata apenas de manipulação. No entanto, minha intenção com tais passagens é abordar algumas possibilidades do pensamento e suas diferentes correntes.

O mito de Narciso, que se apaixona por sua imagem refletida, nos remete à questão da identificação humana. "O homem se fascina por qualquer extensão de si mesmo em qualquer material que não seja o dele". O conceito de "ídolo" se assemelha ao de Narciso, por se tratar da contemplação de algo ou alguém com que nos identificamos ou que projetamos (MCLUHAN, 1964).

Quando considerado sob o vértice psicanalítico é necessário relacionar o narcisismo com os processos identificatórios. E entender que esta é uma nova ação psíquica necessária para saída do autoerotismo rumo à constituição de um eu que tende a uma unidade do sujeito em contraponto à dispersão autoerótica.

Antes mesmo de realizar uma elaboração mais aprofundada sobre o tema em seu texto de 1914, Freud já propunha a existência de uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal: o narcisismo. O autor constatou em pacientes neuróticos que as patologias ditas narcísicas estavam ligadas a uma condição anterior. Desse modo, Freud viu no narcisismo um componente ligado ao desenvolvimento libidinal. A instauração do narcisismo estaria ligada a um investimento externo oriundo de uma relação primária, quando, por exemplo, o desejo e ideal dos pais investem no sujeito um "molde" para a formação de seu eu. E será em torno desse "eu" que o narcisismo opera sua organização, unificando as pulsões (caracterizadas anteriormente como perversas polimorfos – em que a parcialidade das zonas erógenas era satisfeita de modo não organizado encerrando-se em si mesma). Ou seja, tal processo identificatório é configurado na imagem de "sua majestade o bebê" proposta por Freud como efeito do narcisismo dos pais identificado na criança.

Paralelamente, nessa reflexão, Freud repensa sua teoria pulsional afirmando que o "eu" se constitui à medida que se toma por objeto libidinal, reforçando assim a ideia de um "eu" que se estrutura em um processo no qual o narcisismo está presente.

O gosto

Creio que seja interessante percorrer um caminho que discuta a estética do gosto, voltando o pensamento para como amadores percebe-se que suas concepções pragmáticas colaboram para pensar o gosto como uma performance.

Analisar o gosto como trabalho exercido sobre o vínculo afetivo, como técnica coletiva para se tornar sensível às coisas, ao seu corpo, a si mesmo, às situações e aos momentos, controlando-se ao mesmo tempo o caráter partilhado ou discutível destes efeitos com os outros, é colocar a reflexividade do lado dos amadores – e não somente dos sociólogos preocupados em não distorcer as suas análises. (HENNION: 2010a)

Uma importante pergunta se fixa na ideia de que esse gosto é adquirido. Uma vez experimentado pode ganhar espaço na escala de prazer de cada pessoa. Montesquieu dará no *Gosto*, ainda, "uma 'definição

mais geral' do gosto como aquilo que independentemente de ser bom ou mau, correto ou não, liga as pessoas a uma coisa pelo sentimento..." (COELHO, 2005: 94)

Para o autor francês é preciso diferenciar gosto natural e gosto adquirido. O *natural é uma aplicação imediata e requintada de regras que não são conhecidas*. Em suma bastaria o ato de surpreender-se com algo/coisa. Já o adquirido pode *ser desenvolvido por intermédio do exercício da multiplicação e do conhecimento*. E este afeta e altera o gosto natural podendo intensificá-lo ou reduzi-lo. O contrário também pode acontecer.

As questões equacionam então a relevância do gosto e aqui, especialmente, pensaremos no gosto musical e sua articulação com a escolha de marcar o próprio corpo.

Segundo Hennion (2011) o gosto não é um atributo ou uma propriedade. O autor afirma ainda que nem os gostos nem seus objetos são, portanto, dados ou determinados. Gosto é uma história determinada por um passado, mas também é a negociação no presente com aquele passado que pede e deve ser deixado para trás.

As questões que trazem à tona a estética do gosto fazem parte de uma equação muito complexa. Considerações sobre o "amador", o profissional da música e outras minúcias são polêmicas e geram discussões exaustivas, porém sempre muito interessantes. Por essa razão parte desse projeto lançará luz sobre esses aspectos.

Imagem do corpo e suas marcas psíquicas

Freud (1922) credita a dominância do princípio do prazer na vida mental em razão do aparelho mental se esforçar para manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante.

O princípio do prazer interage com outro princípio regulador; o princípio de realidade, que está ligado aos processos mentais secundários, processos em que os estímulos pulsionais são vinculados a determinadas representações. Essa é a função do "eu": agir como intermediário entre as exigências pulsionais do inconsciente e o mundo externo. Só assim pode evitar que a atividade pulsional se volte contra o próprio indivíduo. Desse modo permite, ao mesmo tempo, que a sobrecarga pulsional seja mantida num estado suportável de tensão e o fluxo pulsional em situação de constância.

Em si, a repetição do prazer não apresentaria nenhum problema se tivesse como objeto experiências agradáveis. Isto confirmaria a predominância do princípio de prazer, sustentada por Freud. Mas, em algumas circunstâncias, a repetição não tem como objeto experiências prazerosas, e sim experiências dolorosas. O objetivo da análise (processo terapêutico) é tornar consciente o que é inconsciente. Este processo, contudo, não funciona se for apenas baseado nas considerações teóricas do analista, por este "comunicadas" ao paciente. Para o processo analítico ter efeito, o paciente é levado pela própria análise a "repetir" o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, no lugar

de recordá-lo como algo pertencente ao passado. No entanto, nem tudo pode ser significado, nem faz sentido, nem tudo é recalcado no inconsciente; sendo assim, nem tudo será recordável na experiência analítica. No lugar do não recordável/não interpretável, Freud coloca a compulsão de repetição: em vez de recordar, o sujeito repete, em ato, o que não pôde se tornar consciente, recalcado.

As características pulsionais da compulsão à repetição aparecem como uma derivação da natureza mais íntima das pulsões e suficientemente poderosas para desprezar o princípio do prazer. Cada elemento que se repete nessa cadeia deixa de ser idêntico a qualquer outro por ocupar um espaço único.

Por fim, compulsão é, em resumo, uma tendência a repetição de acontecimentos infelizes da infância e é a análise que pode ser agente facilitador da "redramatização" da situação traumática, buscando novos sentidos de representação para cada sujeito. Se as necessidades forem satisfeitas, não há problemas. Cabe ao discurso psicanalítico, quando tais necessidades não são satisfeitas, buscar entender a impossibilidade de reencontro do repetido com o original. "Quando a criança percebe que a imagem que ela dá a ver aos outros é a imagem do espelho, e que essa imagem é ela, que os outros só têm acesso a ela pelo que ela dá a ver, com isso ela privilegia as aparências e negligencia suas sensações internas." (NASIO, 2009: 21)

Não é possível sentir nenhuma emoção, viva, agradável ou dolorosa sem que, simultaneamente, imprima-se sua representação psíquica. Nasio afirma que "todo vivido afetivo e corporal intenso, consciente ou não, deixa seu traço indelével no inconsciente" (NASIO, 2009: 25)

Para que uma sensação torne-se constitutiva do inconsciente e possa imprimir sua imagem, são necessárias duas condições: primeiro que seja uma sensação emanando do corpo quando o bebê acha-se em estado de desejo, ou seja, em busca do corpo de sua mãe para nele encontrar ternura e serenidade, e assim saber de modo intuitivo que seu pai, amado por sua mãe, proporciona-lhes uma segurança afetiva. A condição segunda para que uma sensação forje uma imagem duradoura é a repetição.

Com efeito, para que uma sensação deixe sua marca, é preciso que seja frequentemente sentida, repetitivamente percebida e, a cada vez, associada à presença carinhosa, desejante e simbólica dos pais. É apenas assim que uma sensação repetitivamente sentida e emanando de um corpo marcado pela presença da mãe terá suficiente intensidade para gravar no inconsciente uma imagem vivaz, capaz de influenciar para sempre o destino do sujeito. (NASIO, 2009: 30-33)

A imagem da emoção não é, em absoluto, uma figura, "a imagem da emoção não é visual, mas essencialmente rítmica; ela é o traço de um ritmo, a marca em relevo das variações ritmadas da intensidade emocional". (NASIO, 2009: 35)

A imagem inconsciente do corpo em vez de uma linguagem de sensações é uma linguagem das emoções. Sua proposição afirma que a imagem do inconsciente do corpo é uma linguagem de ritmos; "e que falar essa linguagem significa antes de tudo, para o terapeuta, entrar em ressonância com a vibração básica, funcional e erógena dominante em seu paciente" (NASIO, 2009: 35).

Não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos de nosso corpo: sou o corpo que sinto e o corpo que vejo. Nosso *eu* é a ideia íntima que forjamos de nosso corpo, isto é, a representação mental de nossas sensações corporais, representação mutante e incessantemente influenciada por nossa imagem do espelho. Em suma tenho o sentimento de ser eu mesmo quando sinto e vejo meu corpo vivo. Eis a ideia motriz da qual toda nossa obra é desenvolvimento. Para nós, o *eu* é, portanto, composto de duas imagens corporais de naturezas diferentes, mas indissociáveis: a imagem mental de nossas sensações corporais e a imagem especular da aparência do nosso corpo. Sentir viver meu corpo e vê-lo mexer-se no espelho me dá a sensação inegável de ser eu (NASIO, 2009: 54-55).

Psicanálise e tatuagem

A prática da tatuagem tem um significado clínico particular para a psicanálise.

O trabalho de Freud sobre totem e tabu e grupos delineou porque as tribos da antiguidade se sentiram compelidas a inscrever o totem na pele e como as tatuagens agiam como uma "metáfora paterna" visual que marcava os limites do prazer aberto a cada assunto, tanto para o camponês quanto para o chefe.

Cada tribo desenvolveu seus próprios significados arbitrários para essas tatuagens, de modo que as marcas da tatuagem marcaram sua identificação com o grupo, e possivelmente, a "incorporação" dele.

O "corpo" do sujeito é, até certo ponto, "construído" durante o relacionamento precoce com a mãe, quando a pele desempenha um papel particularmente importante neste desenvolvimento. A prática da tatuagem destaca a importância da pele e o conceito que se tem do corpo.

A tatuagem usa o impulso do masoquismo erógeno, como teorizado por Freud (1924), para alcançar uma forma de satisfação psicosexual e que é isso que dá às tatuagens seu valor na economia psíquica do sujeito.

A tatuagem como forma de "lidar" com o olhar pode ser um ato que tenta negociar a ansiedade provocada pelo encontro com o desejo "enigmático" do Outro. A tatuagem oferece ao sujeito muitas estratégias diferentes para lidar com o olhar. Por exemplo: o sujeito pode usar as tatuagens como "uma mancha", de modo a chamar atenção do Outro para um conflito particular ou ele pode usá-la para exibir seu "ego empobrecido" e esperar que passe despercebido pelo Outro (NASIO, 2009).

O "ato de tatuagem" tenta expressar algo e traz para a interseção do imaginário e simbólico algo que não pode ser articulado de outra forma. Ao contrário da passagem ao ato, que é "lançar-se fora da cena" e não "demonstrativo", o "ato de tatuagem" é uma tentativa de comunicar algo ao Outro.

Uma possibilidade seria explorar a tatuagem no contexto do trabalho posterior de Lacan em topologia para entender melhor a relação da tatuagem em relação aos registros do real, do simbólico e do imaginário e a relação entre a tatuagem, o corpo como um gozo.

Se pensarmos em todas as impressões produzidas pelas excitações que agitaram nosso corpo de criança e que agitam nosso corpo de adulto, fica claro que a estrutura da imagem mental de nosso corpo real é uma superfície crivada por impactos, um mosaico, cada peça sendo uma microimagem refletindo uma indizível sensação sensorial, um aspecto da zona corporal concernida e, frequentemente, um detalhe das circunstâncias da sensação. (NASIO, 2009: 79-80)

Metodologia

Nosso rudimentar código linguístico carece de música para expressar sentimentos demasiadamente profundos. Podemos dizer que a música se desenvolveu da necessidade interior de expressão emocional. Mas não só. As vivências e escutas musicais estão fortemente relacionadas ao metafísico; os gostos musicais em nossa sociedade definem "tribos", autoimagem e estão ligados a como cada indivíduo se define e se apresenta socialmente.

Muitas são as maneiras de expressar por meio da música, tocar um instrumento musical, cantar, escrever, compor... Os intérpretes se expressam, mas os ouvintes também. Residiria aqui (na ideia da escuta e prática musical) a possibilidade, por exemplo, de criar, afinar e manter laços sociais? Poderia a música resignificar questões intrínsecas a cada sujeito? E especialmente, o sujeito que se tatua estaria extremamente identificado com a música e seus intérpretes?

Neste contexto, os objetivos deste trabalho podem ser vistos a seguir:

- Abordar o prazer subjetivo pela música, suas manifestações e expressões afetivas por intermédio da escuta e sua interlocução pelo também prazer de marcar-se por meio de tatuagens;
- Verificar se pessoas tatuadas com motivos musicais, marcam a própria pele motivados por questões afetivas pautadas na identificação com artistas, intérpretes, compositores ou movimentos musicais.

A partir dos estudos empíricos investigados no levantamento bibliográfico da presente pesquisa e os respectivos métodos de coletas de dados empregados nesses estudos, foram realizadas cinco entrevistas dirigidas a indivíduos que possuem os corpos marcados por tatuagens que tragam alguma referência musical. Foram entrevistados três mulheres e dois homens, todos com tatuagens que remetem à música, a uma vivência musical ou seus intérpretes. Os nomes atribuídos aos participantes são, naturalmente, fictícios, buscando garantir o anonimato dos entrevistados. Foram aplicadas cinco questões semi-estruturadas:

1. Conte um pouco sobre a música na sua vida;
2. O que é música para você? Ao que você associa?
3. Em qual momento da sua história você resolveu se tatuar?
4. O que você pensa sobre o papel da tatuagem?
5. O que esta tatuagem representa na sua vida?

Estas questões sofreram pequenas variações de acordo com o caminho percorrido pelos entrevistados em suas respostas. Todas foram registradas em áudio e transcritas literalmente. Também lancei mão da entrevista narrativa para concepção das questões apresentadas (FLICK, 2005).

As entrevistas foram realizadas no período de julho a dezembro de 2017.

A análise das entrevistas foi realizada por meio de análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), "(...) procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça".

Tal empreitada se justifica em torno das questões levantadas pela tatuagem, mas não só, pois não se pode abrir mão de toda a articulação simbólica da música, e de como o gênero musical somado ao conjunto de marcas afetivas evoca as sonoridades psíquicas que simbolizam aspectos inconscientes. Aquilo que denomino aqui, "as marcas musicais".

Nesse sentido é relevante saber o que a música causa às pessoas. Interessa-me identificar também as razões e motivações que leva um determinado sujeito a se submeter à marca corporal e como isso averiguar como interpretes e ouvintes se comunicam. Com isso as cinco entrevistas realizadas fornecem fragmentos relevantes de como a música marcada no corpo de cada desses tatuados os afetam de maneira singular.

Marcas Musicais (fragmentos das entrevistas)

Gustavo (22 anos)

Para Gustavo "a música pra mim sempre foi algo muito importante cara, eu sempre sou uma pessoa bem musical, gosto de tá sempre com o fone de ouvido, é pra tá ouvindo a música se eu tô triste eu ouço um tipo de música se eu to feliz eu ouço outro tipo de música".

Teve a influência do seu padrasto: "Então, eu tive a influência do meu padrasto, do meu ex-padrasto, é que ele ouvia bastante rock e metal, e com um tempo eu fui gostando, né".

Gustavo afirma que a tatuagem, além de artístico tem um valor simbólico e pelo fato de você sentir dor, sacrificando o pedaço da sua pele, e faz analogia de ser um guerreiro. Sua identificação com *vikings* e jogos de guerra revelam características bastante marcantes para sua idade, tendo encontrado na música maneiras bem peculiares de manifestar seu desconforto com afetos oriundos de sua formação.

Gustavo diz ainda que conseguia, por meio das letras das músicas da banda preferida, na melodia da música, identificar aquilo que entrava mesmo dentro dele, ele sentia aquilo. "para mim tatuagens são simbólicas é algo que realmente fez tem significado pra mim e eu to sacrificando um pedaço do meu corpo pra aquilo."

Embora possa parecer banal ou corriqueiro, me chamou muita atenção quando o Gustavo se referiu ao sacrifício corporal que pode parecer óbvio, mas nem tanto.

Assim sendo, esse sacrifício mencionado me faz lembrar de dilaceramento. Um dos maiores exemplos desse processo é o próprio Cristo, mas Gustavo se declara ateu atualmente, depois de ter vivido uma série de turbulências relacionadas à fé e à descrença.

Outro aspecto: ele fala muito dos significados das letras de músicas de bandas que cantam em inglês. Ele entende bem o idioma? Seria um diferencial importante ele ter acesso a conteúdos que na maioria das vezes não estão ao alcance das pessoas comuns. E ainda mais, conseguir cantá-las...

Esse idioma estrangeiro remete à uma espécie de metalinguagem que procura re-significar suas experiências emocionais, se expressando por meio de outros códigos.

Poderia ser o retorno de material inconsciente, em outras "vestes", por assim dizer? Que destino teve essa raiva tão acentuada que se expressava quando ele ateava fogo nos banheiros (*acting out*)? "Sou um pouco bem menos radical porque todo adolescente é meio idiota e eu depois que cheguei aos treze anos de idade eu botava fogo no banheiro do colégio, tudo para tentar fazer um protesto, mas aí eu vi que tipo com o tempo algumas coisas são besteiras você tem que fazer de outra maneira pra mudar, mas todo adolescente tem essa revolta entendeu". Quais poderiam ser suas fantasias naquela época e que na adolescência ele foi domando aos poucos, lançando mão de quais recursos? Um deles, explicitamente, foi a música e depois as tatuagens.

"Eu sempre tive uma revolta dentro de mim e eu ouvindo *heavy metal* etc. me fazia ver que outras pessoas também sentiam isso, entendeu? Eu conseguia nas letras das músicas, na melodia da música eu consegui me identificar com aquilo e entrava mesmo dentro de mim, sabe assim, eu sentia aquilo então é por isso que ela é a minha banda favorita. Eu consigo me identificar quase todas as fases na música."

Aqui aparece a clara referência à adolescência e sua característica revoltante, de criar barreiras e superá-las, criar enfrentamentos diante dos limites e possibilidades que a fase oferece.

Fabiana (28 anos)

Fabiana entrou de cabeça nos mais variados matizes de suas vastas experimentações musicais. Sua entrevista poderia se assemelhar a um *curriculum vitae*.

Ela cita a fase da adolescência em que era bastante desafiadora, mas na verdade, ela se propôs desafios desde menina. Por exemplo: aprender a tocar vários instrumentos, ter tantos empregos envolventes.

"Eu acho que tiveram várias fases da música na minha vida. Eu acho que, interessada eu sempre fui, acho que meio por conta dos meus pais, mais do meu pai, que sempre teve discos em casa". Note-se que, ao contrário de Gustavo, ela fala do prazer que tem com suas tatuagens, escolhendo, ora imagens, ora versos das canções. E a sua vasta coleção musical! Ela escreve *blogs* e dá muita importância às palavras.

Fabiana, colecionadora de discos, afirmou que sua intimidade com a coleção que organizava acabou se fundindo com sua personalidade, promovendo expressão de si própria. A música tem um papel na vida de alguém, como as roupas, Fabiana ainda afirma que o que se veste, caracteriza o sujeito, tal como o que se escuta também caracteriza. O estilo de som, as bandas escolhidas determinam um traço da sua personalidade; e exemplifica: "o fato de você gostar de *rock in roll* às vezes, te torna mais rebelde com outras pessoas, te torna uma má influência do que outras pessoas. Música tem a ver com isso, mas eu acho, que o consumo musical tem um... acho que, às vezes, você escuta numa música o que você escutaria numa terapia, não sei...sabe... fazendo uma analogia. Eu acho e se torna o refúgio também, alguém vai cantar sobre alguma coisa que você já passou, alguém vai falar de uma solução que você tava procurando, sabe? Eu acho que tem isso também, eu acho que rola uma identificação."

Novamente o aspecto identificatório se faz presente nas considerações da tatuada.

Sintonizar em uma música também envolve um tipo de identificação, um reconhecimento em um nível empático e físico das diversas formas e texturas do "acontecer" do corpo da música, e os modos como a música se comporta. Talvez a música tenha capacidade de ser um recurso socialmente poderoso para agência porque, como um tipo de acontecimento que transita no tempo, ela nos permite, caso nos conectemos com ela, experimentar uma comunhão visceral com suas propriedades perceptíveis.

Podemos imaginar e "sentir", por exemplo, a textura coesa de uma polifonia dissonante, ou a amplitude de quintos e quartos tons, ou o caráter "deprimido" da tríade menor. Talvez o exemplo mais claro e mais dramático desse processo possa ser encontrado em terapias musicais, nas quais a música é utilizada como ferramenta de *biofeedback*, no qual se pode alterar estados fisiológicos e emocionais e consciência corporal por meio de identificação com propriedades musicais particulares. Nessas circunstâncias, pode-se dizer que a música reformula parâmetros da experiência corporal, podendo alterar pulso ou respiração, por exemplo, e diminuir a percepção de dor. O pulso de um indivíduo "se torna" – é modificado em relação a – o pulso da música; e sua dor é "substituída" pelo estado da música. Exemplos como esse em que a música é aplicada deliberadamente para alterar a agência física demonstram seu poder formativo com relação à agência permeando o fluxo da existência social. Os recipientes da música não se transformam

na música em si, mas se tornam a música filtrada em si mesmos e é isso que deve ser entendido pelo conceito dos poderes da música de agir como meio e informar. (DENORA, 2015: 161)

Fabiana ainda avança o pensamento: "eu acho que representa um pouco assim do que eu sou, sabe? Tipo... tem um lado mais transgressor, um lado mais rebelde, mas também tem aquele lado metódico, que sempre arrumar mesa antes de sentar, sabe? Um lado mais clássico, e um outro lado mais inovador, assim... mais desafiador do *rock in roll* e do jazz, porque hoje em dia eu acho que é um dos estilos musicais que é um mas escuto..."

Ela está atualmente trabalhando com publicidade que é também um campo muito criativo. Dedicou-se à pesquisa sobre estilos musicais. É muito interessante ela ter feito uma analogia entre o que é expresso na música, nas letras, comparando tudo isso com uma espécie de psicoterapia. "Acho que alguém... acho tem gente que faz para se diferenciar e tem gente que faz para se igualar, sabe?" (...) Tipo... tem um lado mais transgressor, um lado mais rebelde, mas também tem aquele lado metódico, que sempre arrumar mesa antes de sentar, sabe? Um lado mais clássico, e um outro lado mais inovador". Essa fala, muito bem elaborada mais no final da entrevista em contraste com a maior parte das falas dela que são como o embrião de associações livres. Tem até um namorado no relato que está envolvido com tatuagens também. Eu diria que ela é razoavelmente bem resolvida. Ou está tudo bem encoberto... seria o verdadeiro refúgio dela?

Regina (42 anos)

Regina, por sua vez, afirma que a música e a tatuagem têm uma história e que estão associadas a momentos de sua vida. Entretanto também entende que se trata de identificação social cultural, de se colocar como indivíduo no mundo que a circunda.

"Eu me apego muito mais às letras do que a melodia... Acho que a vida tem que ter uma trilha sonora, então a música tem que estar... É isso, eu associo, a música pra mim é isso, é o fundo musical da minha vida, é a essência. E como se todos os momentos, bons ou ruins, tivessem uma trilha sonora." (...) "Eu associo a um momento. É, como eu falei, eu acho que a música... eu acho que a vida tem que ter uma trilha sonora, então a música tem que estar... é isso, eu associo, a música pra mim é isso, é o fundo musical da minha vida, é a essência."

...*eu queria ter tatuado "disciplina é liberdade."* Regina afirma que todas as músicas escritas pelo Renato [Russo], e pelo Dado (Villa Lobos)⁴, elas foram escritas pra mim, elas fazem parte da trilha sonora da minha vida, então a tatuagem representa isso, representa a minha história de vida. Na verdade, uma complementa a outra.

⁴Parceiro de algumas letras da banda e também guitarrista da Legião Urbana.

Mas, não tatuou o verso da canção. Ela demonstra muito mais disciplina do que liberdade. Creio que ela fala desse dilema. Se, por um lado, suas falas demonstram certo grau de elaboração logo de início, por outro ela não deixa sequer uma pequena fresta aberta para conhecer um pouquinho da intimidade dela.

Laércio (26 anos)

Laércio afirmou que a tatuagem é uma foto, de um dia, um momento, uma época. Quis gravar a sensação que teve no dia, acreditando que quanto mais novo você é, mais idealista, mais utópico o momento e sentimento que teve se eterniza. Para ele a música é um modo de se expressar, um modo de conseguir se sentir um pouco mais próximo de quem ele é. "Para mim a música é um modo de eu me expressar. Às vezes, é um modo que a gente consegue sentir um pouco mais, eu acho que é onde eu fico mais próximo, às vezes, de quem eu sou assim, sabe? dependendo do meu dia, ele pode melhorar meu dia ouvir uma música boa".

Além de servir para gravar as sensações, a música é entendida por ele como uma marca que delimita passagens e acontecimentos vivenciados em sua história. Seu corpo é o seu reflexo, todos os dias ali. Então a personalidade, para ele, fica diferente com a tatuagem. É seu espaço para se expressar.

"Não tem uma letra inteira, os nomes das músicas que pra mim significam mais que a letra até, porque me pega o momento, entendeu? Do que a música me passa em si e não só a letra, dependendo do show que você vai, parece uma missa, sabe? Você tá ali recebendo uma benção ou uma... Como é que fala? Uma pregação, sabe? E pra mim o que ele pregou que eu quis levar pra vida foi que *Dream on* nunca deixar de acreditar e sonhar no que eu queria, pra mim gravou muito mais a essência do negócio do que uma letra em si apesar de gostar da letra e achar ela muito boa, entendeu?"

"Eu sempre brinco com meus amigos que quando eu vou me tatuar de novo eu dou tchau para aquele Laércio que existia. E a gente quis representar isso também com um espiral, que pra mim a vida sempre dá esse tipo de volta, seja essa vida, seja outra vida, seja o que você acreditar de religião, elas são ciclos, é cíclico, e aí você acaba tendo que se perder nesse meio, nesse ciclo, nesse intervalo de momentos pra se encontrar de fato, pra chegar em algum ponto, seja material ou espiritual";

"Eu lembro das minhas tatuagens: são muito momentos da minha vida, são situações de quem eu era e um pouco também de diferenciar um pouco o corpo porque pra mim é meio que tudo igual. É uma cruz, ela é estilo católico, mas eu não sou católico, mas é pelo símbolo dela, e é uma cruz escrito *veni vidi vici*, no braço."

Apesar de dizer que não é católico, Laércio se permite tocar no assunto religioso quando ouve música. É interessante notar que cada pessoa valoriza um aspecto diferente em sua experiência musical. Se um diz que gosta mais das letras, outro diz que lhe tocam mais os nomes das canções.

A cada tatuagem ele se despede das fases anteriores... Mas, como isso é possível, se elas fazem parte da sua pele e estão cotidianamente presentes? No mínimo, são recordações.

Ele diz que a vida é feita de ciclos e que ele não tem medo de se entregar às novas experiências, visando seu aprimoramento material e espiritual. Porém, como contrapartida ele usa as tatuagens para se diferenciar, para não ser mais um misturado com todo mundo.

Entendo que as tatuagens dele são como um álbum cheio de fotos, das várias fases da vida e ele quer passar por mudanças, mas tem medo de se perder no processo e optar pela simbiose com o Outro, de venerar o Pregador e se fundir com ele.

Se ele "chutou o pau da barraca" quando foi mochileiro, largando até o emprego, ele poderia ter se dado muito mal (desculpe a linguagem popular, mas creio que é expressiva) Então a tatuagem, tem também a função de manter sua integridade psíquica, enquanto ele define sua identidade.

Ainda Laércio coloca que: "ela significa... porque quando você vai entender um pouco a letra que ele te passa é muito auto superação, assim... acho que auto superação é até pleonasma, não sei, acho que não. É uma superação tua mesmo porque se você não se entregar para aquilo que você tá fazendo, e nesse caso, nessa música o que o Eminem tá dizendo, que se ele não tivesse virado o que ele virou, ele iria ser mais um bandido, mais um ladrão, mais uma pessoa que decepcionou todo mundo ao redor dele pela condição social que ele tem, então ele meio que deixa acontecer... se perca naquele momento que você tá, e a gente quis representar isso também com um espiral, que pra mim a vida sempre dá esse tipo de volta, seja essa vida, seja outra vida, seja o que você acreditar de religião, elas são ciclos, é cíclico, e aí você acaba tendo que se perder nesse meio, nesse ciclo, nesse intervalo de momentos pra se encontrar de fato, pra chegar em algum ponto, seja material ou espiritual; então pra gente foi naquele momento que eu tinha largado tudo o que eu tinha no Brasil, pra viajar com uma mochila, então se eu não me jogasse naquilo lá e pensasse nas pessoas que estavam aqui, no emprego que eu tinha deixado eu não ia nunca ter aproveitado ao máximo aquilo."

Gabriela (37 anos)

A influência da música para Gabriela se expressa da seguinte forma: "É... Assim... Desde pequena eu ouvi muita moda de viola né... Meu pai quando andava de carro sempre ouvia e eu era grudadíssima com meu pai e eu ouvia sempre no carro, e desde pequena eu gostava muito... Então, se alguém me perguntasse o que que você queria ser... Se meus pais não estivesse por perto eu falava que eu queria ser cantora né... Se meus pais estivessem por perto eu não dizia isso porque eu fui criada por uma família muito simples, de gente humilde, com dois nordestinos que achavam que essas coisas não era para gente pobre, então pessoa pobre não podia ser artista, não podia ser cantor, não podia sonhar com essas coisas e... também é... Mesmo que sonhasse não ia conseguir ter sucesso, ter futuro nisso entendeu? Eles não viam futuro nesse tipo de vida."

Sentindo-se importante: "E aí na época que eu fazia coral na faculdade... é... foi que eu descobri que a clave de sol é inspirada na letra 'G'... Né... Aí eu falei... Clave de sol... Letra 'G'... Gabriela meu nome... Pah! Vou fazer uma clave de sol e aí como eu na época ainda tinha medo de tatuar pela questão da dor eu fiz uma clave de sol, singela, pequena, minúscula, na nuca"

Em relação à adolescência, Gabriela apresentou o seguinte relato: "Aí na adolescência aquela parte 'revolts' (sic), sempre ouvindo música, aí conheci o *rock in roll* tal, e aí foi a identificação total né. E aí eu começava a escrever umas coisas tal, mas nunca fui muito boa pra dar a melodia às letras e tudo mais... Então acabava sempre só ouvindo e cantando karaokê, chuveiro, essas coisas.

Gabriela, filha de um casal de nordestinos "que achavam que essas coisas não eram para gente pobre, então pessoa pobre não podia ser artista, não podia ser cantor, não podia sonhar com essas coisas e... também é... Mesmo que sonhasse não ia conseguir ter sucesso, ter futuro nisso entendeu?" Os sentimentos tranbordavam segundo ela.

(...) "Nunca tive muita coragem de me entregar de fato para música até bem pouco tempo atrás porque tinha essa questão da infância né... Não posso deixar essa paixão se perder né, mesmo que seja um *hobby*, eu não posso me entregar e deixar de usufruir disso."

Sobre a tatuagem, a participante relata: "A tatuagem, no meu caso, representa conexão. Eu quis me manter conectada à minha paixão por música. Um meio de integrá-la a mim por meio das notas aleatórias que fiz nas costas, na coluna, no eixo central, no vértice... Como se eu pudesse dizer pra mim mesma: "ainda que você desista dela (a música – o que nunca consegui), ela nunca deixará você!"

Gabriela oferece seu âmago para seu ouvinte. Começa o relato de seu amor pela música, desde a infância, bem como do seu amor pelo pai. A música de minh'alma não fará sentido pra muitos, poucos poderão tocá-la, mas com os que conseguirem, disfrutarei! Afinal, como dizem... Assim como a boa música, a alma precisa de alguém que saiba tocá-la".

Na fase adulta, ela diz para si mesma que nunca abandonar á sua paixão, nem se fizer da música apenas um *bobby*. Na tatuagem, a declaração de amor: "ainda que você desista dela (a música - o que nunca conseguiu), ela nunca deixará você!"

Penso que quando ela diz que a tatuagem é o símbolo da sua conexão interna, ela está evocando tudo e todos que foram muito significativos para ela – especialmente o pai que, segundo o seu relato, foi ambíguo em relação ao seu dom de saber cantar e cuidou para que ela não acalentasse esse sonho. Mas, mesmo assim ela o amava muito. Como ela disse, "ficava grudada nele".

Quanto à resolução do complexo de Édipo, Gabriela vai se deixar ser tocada e desfrutará da experiência, se encontrar muita sensibilidade e afinidade para decifrar sua partitura. Freud em uma conferência declara o seguinte:

Também, me chegam notícias de que certo colega marcou sessões com um paciente a fim de fazer com ele um tratamento psíquico, embora eu tenha certeza de que ele não conhece a técnica do tratamento. Deve esperar, sem dúvida, que o paciente o presenteie com seus segredos, ou talvez esteja buscando a cura em alguma espécie de confissão ou confidência. Não me surpreenderia que um paciente assim tratado extraísse disso mais prejuízos do que benefícios. É que o instrumento anímico não é assim tão fácil de tocar. Nessas ocasiões, não posso deixar de pensar nas palavras de um neurótico mundialmente famoso, que decerto nunca esteve em tratamento com um médico, pois viveu apenas na fantasia de um poeta. Refiro-me a Hamlet, Príncipe da Dinamarca. O Rei enviara dois cortesãos, Rosenkranz e Guildenstern, para sondá-lo e arrancar dele o segredo de seu desgosto. Ele os repele; aparecem então algumas flautas no palco. Tomando uma delas, Hamlet pede a um de seus algozes que a toque, o que seria tão fácil quanto mentir. O cortesão se recusa, pois não conhece o manejo do instrumento, e, não conseguindo persuadi-lo a tentar, Hamlet finalmente explode: "Pois vede agora em que mísera coisa me transformais! Quereis tocar-me; (...) quereis arrancar o cerne de meu mistério; pretendeis extrair-me sons, de minha nota mais grave até o topo de meu diapasão; e embora haja muita música, excelente voz neste pequenino instrumento, não podeis fazê-lo falar. Pelo sangue de Cristo, julgais que sou mais fácil de tocar do que uma flauta? Chamai-me do instrumento que quiserdes, pois se podeis desafinar-me, ainda assim não me podeis tocar." (Ato III, Cena 2.) (FREUD, 1905[1904]: 251).

Para Gabriela a tatuagem parece representar conexão. Ela parece ter optado por se manter conectada à própria paixão pela música. "Um meio de integrá-la a mim por meio das notas aleatórias que fiz nas costas, na coluna, no eixo central, no vértice..."

Gabriela enriquece as reflexões de maneira ímpar ao afirmar que a tatuagem é algo relativo à própria identidade, também é uma forma de metáfora interna, uma espécie de meio para se conectar com as afinidades... Para ela a música expressa sentimento de uma forma muito intrínseca. Transmitindo e transpondo sentimentos.

Considerações finais

A música pode ser formadora de livre-arbítrio (opção que pode ser melhor no contexto: influenciadora de escolhas e decisões), como ela é um meio com a capacidade de determinar forma e

textura ao ser, sentir e fazer. As entrevistas demonstraram como a música funciona nesse sentido por meio de circunstâncias específicas e para indivíduos particulares abrangendo diversos contextos e fases da vida.

Foi possível explicar sobre a relação dos sujeitos com a música, entendendo detalhes que permearam essa interlocução.

Foi possível também entender a experiência da escuta musical compartilhada, a música na vida cotidiana, não só a interação, mas sua transcrição, categorização, por meio da análise e interpretação de cinco entrevistas. Percebi ao pesquisar sobre música que o discurso verbal não é suficiente, nesse sentido as entrevistas permitiram observar a interação do sujeito com a música, enriquecendo a situação de visibilidade da formação musical.

A música está envolvida na formulação da vida; é algo que entra em ação, algo que é um recurso formativo, embora frequentemente não reconhecido, de agência social (DENORA, 2015). Debrucei-me sobre o funcionamento da música, tal como observou DeNora, (2015: 153) e observei como seus poderes são canalizados em ações e como esse processo pode ajudar a iluminar nosso entendimento de agência social.

A tatuagem tem uma importância etnológica que está além dessa discussão. Presente em culturas diversas, essa "arte do corpo" exibe um traço essencial do ser humano que se refere à necessidade de processar e significar suas vivências e experiências e "dar-lhes" alguma forma de expressão. Muitos são os significados atribuídos à tatuagem que apresenta múltiplas funções nas culturas.

Sendo assim, que outro uso da música os tatuados com a temática fazem? Eles fundamentalmente fazem representar algo do campo afetivo e memorial, dando à marca corporal o poder de revelar aspectos nem sempre conscientes como revelaram uma parte significativa dos entrevistados.

São muitos os elementos de ordem afetiva que se constroem e se apresentam nas falas dos entrevistados remetendo-os a condições de amparo que a música, representada pela inscrição das tatuagens, fornece.

A psicanálise e a música são campos de estudo muito amplos, repletos de entranhas passíveis de grandes elucubrações. Pensar em música e seu diálogo com aspectos psíquicos enriqueceu essa investigação, bem como a música contribuiu para a formação do sujeito. Possibilitando finalmente a busca pelo bem-estar e de transformação dos significados.

A música, marcada no corpo, por meio da tatuagem, comunicou algo em termos de prazer e necessidade para cada entrevista. A marca da música, então, ultrapassa a fronteira do sonoro invadindo a pele promovendo uma codificação única para cada sujeito e sua intrínseca história (musical) de vida.

Agradecimentos

Margarete Arroyo, Luciana Massaro Onusic pelo apoio e paciência ímpar. Ana Cecília Amaral, Maria Helena Rowell, Camila Santa Maria e a todos os entrevistados na pesquisa de pós-doc que permitiram as reflexões apresentadas neste artigo.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- DeNORA, Tia. *Music in Everyday Life*. UK: Cambrigde, 2000.
- _____. *Music Asylums: Wellbeing through music in everyday life*. England: Ashgate, 2015.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FLICK, Uwe. *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor, 2005.
- FREUD, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- HENNION, A. *Gustos musicales: de una sociología de la mediación a una pragmática del gusto*. Comunicar - Revista Científica de Educomunicación, nº34, vol. XVII, pp. 25-33, 2010a.
- _____. *Pragmática do Gosto*. Tradução de Frederico Barros. Desigualdades & Diversidade –Revista de Ciências Sociais da PUC - Rio, nº8, jan./jul., pp. 253-277, 2011.
- LAPLANCHE, Jean & Pontalis. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. "Discursos de identidade em sala de aula de leitura: a construção da diferença", In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Língua(gem) e identidade*, Campinas Mercado das letras, 1998.
- LUIZ, Leonardo. *Vitrola psicanalítica: canções que tocam na análise*. São Paulo: Via Lettera, 2005.
- MCLUHAN, Marshall. O Amante de "Gadgets: Narciso como narcose" In: *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, 1964.
- NASIO, Juan-David. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ORLANDI, Eny. "Identidade linguística escolar". In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Campinas Mercado das letras, 1998.
- REISFELD, Sílvia. *Tatuajes: uma mirada psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- SERRANI-INFANTE, Silvana. "Identidade Linguística". In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Campinas Mercado das letras, 1998.
- SCHIFFMACHER, Henk. *1000 Tattoos*. Amsterdam: Taschen, 2011.